



## Os Desafios das Políticas Sociais na Contemporaneidade

*Suzanny Mara Jobim de Souza, Isis Mellory Nunes Gomes, Jean Carlos Ramos Pereira, Welha Carlos da Mota*

### Introdução

As políticas sociais estão intrinsecamente relacionadas com as relações de produção e reprodução social no capitalismo, na consolidação das estruturas das classes sociais e do Estado. Por isso, não se tem um conceito esclarecedor da expressão “políticas sociais” sem uma relação direta com a história da criação do Estado que, num primeiro período, se destaca, na Idade Média, com seu direito divino sobre as leis e vem até o século XVII, com a discussão sobre o papel do Estado como mediador racional entre os homens e suas paixões e apetites, tendo Hobbes como seu principal teórico. Impõe-se a renúncia à liberdade e a sujeição ao Estado em nome da convivência pacífica. O soberano abarca esse poder absoluto. Esse trabalho tem como objetivo compreender o aspecto histórico das políticas sociais no decorrer dos séculos através de seus diversos formatos de acordo com os modelos econômicos de cada período histórico.

### Material e métodos

Para a compreensão acerca dos significados históricos das políticas sociais em cada período, esta pesquisa se pauta a partir do método do materialismo histórico que, compreende os fenômenos sociais a partir da contextualização histórica dos momentos e das suas características específicas. Assim, o método do materialismo histórico utilizado aqui, se propõe a análise dos determinantes históricos que influenciaram a definição e formato das políticas sociais nas diferentes épocas aqui estudadas.

### Resultados

As perspectivas de políticas delineiam-se as perspectivas de políticas sociais como fenômeno associado à constituição da sociedade burguesa nascido de um específico modo capitalista de produzir-se e reproduzir-se, caracterizado como necessidade ineludível a fim de amenizar os conflitos sociais no interior da desta sociedade. A lógica liberal do Estado mínimo consegue se manter até a grave crise de 1929. A partir daí, tudo muda. É preciso intervir. Cria-se o *Welfare State*, do qual o Plano Beveridge, na Inglaterra, será um modelo para o resto do mundo. Um mal necessário, segundo a visão. Forja-se o pacto keynesiano-fordista, que ganha cada vez mais volume a partir de 1942 e na pós-Segunda Guerra Mundial.

### Discussão

Se por um lado John Locke concorda com as idéias hobbesianas, defendendo, inclusive, a propriedade como base de uma sociedade justa, por outro lado Rousseau argumenta que a propriedade corrompeu a sociedade e trouxe a desigualdade entre ricos e pobres. O debate está longe de estabelecer um ponto mais humano nas relações entre Estado e sociedade, mesmo com os estudos de cientistas sociais como Durkheim e Weber, com seus excessivos tecnicismos e métodos rigidamente científicos. Durkheim insiste na luta contra a lei do mais forte e nas regras do método sociológico, o reino dos fatos sociais; Weber se instala no reino das estatísticas, na posse de capital para a busca do bem-estar social. Não obstante, não deixam de tratar da política social, que de alguma forma, traz à tona uma preocupação em formular as primeiras legislações e medidas de proteção social no final do século XIX. A obra de Marx não deixa de ser um elemento central nessa problemática surgida entre liberais e reformadores na Alemanha e na Inglaterra.

A intervenção estatal nos moldes supra-assinalados não aconteceu porque simplesmente a burguesia decidiu que assim seria. Trata-se do resultado da organização dos trabalhadores e o não menos importante monopólio do capital por corporações e sua concentração na mão de poucos. Contam ainda com os resultados catastróficos de duas guerras



**FÓRUM** ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

# FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:  
**Unimontes**  
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:  
**FAPEMIG**  
**FADENOR**

**24 a 27**  
**setembro**  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

mundiais e uma depressão entre 1929/1932, a mudança de rumo na ideologia no que se refere às questões sociais. Decidiu-se que cabia ao Estado a intervenção na economia. Saía de cena a idéia de Adam Smith para o Estado estimulador da economia, intervencionista, de Keynes, aliados aos pactos coletivos com os trabalhadores vindos da linha ideológica fordista. Na prática, o plano Marshall, conectado com o *Welfare State*, mais a sua idéia de um mercado limitado para garantir trabalho e cidadania impulsionam esse modelo liberal gerado na crise liberalismo pós-1919.

Esse período, chamado de “Os anos dourados do liberalismo regulador”, acaba em 1960. Denuncia-se o gigantismo do Estado, as taxas de crescimento são baixas, faltam empregos para uma enorme parcela da população. Na verdade, diante de problemas advindos de uma recessão no final dos anos 1960 e a crise do petróleo de 1970 assustam a elite econômica que vê no Estado mediador e intervencionista o culpado pelo estado de coisas que criou. Era preciso reinventar o liberalismo, ou melhor, estabelecer novos rumos. Assim, a partir de 1980 surge um neoliberalismo aferrado à idéia de um mercado livre, de um capitalismo avançado, sempre a presença de um Estado gastador, controlado por sindicatos de trabalhadores e gerador de altas inflações, de destruição de lucros das empresas, de negador da liberdade do trabalho.

O neoliberalismo que propõe o Estado forte contra regulamentações e políticas sociais, de aperto fiscal e favorável a desestatizações vira programa de governo na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, no final dos anos 1970, mas logo se espalha mundo afora. Os resultados demonstram hoje um crescimento da desigualdade, do desemprego, da pobreza, uma enorme concentração da riqueza, níveis medíocres de crescimento, instabilidades econômicas que põem em risco governos democráticos em várias partes do mundo, além, é claro, de um capital especulativo, móvel e desumanizador. Se o neoliberalismo fortalece o capital, por outro lado, esvazia as instituições, fortalece o individualismo, implanta uma espécie de ditadura do Poder Executivo que governa por decretos e acordos na troca sistemática igualada à lógica mecanicista do mercado.

No Brasil, país periférico, o neoliberalismo ensaia os primeiros passos pouco antes da eleição de Fernando Henrique Cardoso sob cujo governo ganha força todo o ideário sustentado pelos governos Reagan, Thatcher e Kol. O governo brasileiro, a despeito das conquistas sociais na Constituição Federal de 1988, prioriza a privatização do Estado, a internacionalização da economia, a desproteção social, o sucateamento dos serviços públicos, a concentração da riqueza e aumento da pobreza. A política social se atém a programas assistencialistas. No entanto, atrelado às ações do capital externo, as instabilidades atingem o Brasil, refugiando o governo Lula, eleito em seguida, naquilo que os especialistas vão chamar de era pós-neoliberal. Não obstante as tentativas de criação de um Estado mediador, as forças do capitalismo tardio, fundado na obtenção do lucro e comandado pelas grandes corporações, impõem ao governo programas assistencialista e, ao mesmo tempo, o ideário neoliberal do governo anterior, repercutindo na gestão de sua sucessora, a presidenta Dilma Roussef. Foi com as conquistas do governo FHC que o presidente Lula conseguiu o equilíbrio no choque especulativo de 2002 e, graças a uma política de aumento das divisas do país e a um mecanismo implacável de juros altos, é que enfrentou bem a crise 2008.

## Conclusão/Conclusões/Considerações finais

No decorrer histórico da política liberal destacamos que as políticas sociais são geradas no interior das contradições do capitalismo. Da elaboração do Estado mínimo, insuficiente para dar conta das questões sociais, ao Estado intervencionista, as políticas sociais se instalaram como medida civilizatória até os anos 1980. Como o capital gira em torno do lucro, do individualismo e de um darwinismo social, a crise dos anos 1970 foi creditado à mediação estatal. Como resultado retorna o ideário neoliberal. Com ele, liquidam-se os direitos sociais e inventam novos atores a quem responsabilizar. Aqui é que dois aspectos surgem para a reflexão: o primeiro, negativo é a responsabilização da família que é chamada para promover cuidados e serviços originariamente de responsabilidade do Estado. O segundo, positivo, é que a questão social aproveita a crise para se perguntar sobre suas propostas, a reavaliação das relações sociais e não menos importante a reavaliação do assistente social num período tão perturbador criado pelo neoliberalismo avassalador na contemporaneidade.

## Referências

- [1] BEHRING, Elaine Rossetti. **Fundamentos de Política Social**. [online]. Disponível em: <[http://www.abem-educmed.org.br/fnepas/pdf/servico\\_social\\_saude/texto1-1.pdf](http://www.abem-educmed.org.br/fnepas/pdf/servico_social_saude/texto1-1.pdf)> Acesso em: 28/02/2014.



FÓRUM ENSINO · PESQUISA  
EXTENSÃO · GESTÃO  
**FEPEG**

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas  
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



**24 a 27  
setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

[www.fepeg.unimontes.br](http://www.fepeg.unimontes.br)

- [2] BEHRING, Elaine Rossetti. **Política Social no contexto da crise capitalista.** [online]. Disponível em: <[http://ucbweb2.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12894/11251/3.6\\_Politica\\_Social\\_no\\_Contexto\\_de\\_Crise\\_Capitalista.pdf](http://ucbweb2.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12894/11251/3.6_Politica_Social_no_Contexto_de_Crise_Capitalista.pdf)> Acesso em: 28/02/2014.
- [3] FREITAS, Rita de Cássia Santos; MESQUITA, Adriana de Andrade. **As novas expressões da “questão social” e as famílias brasileiras:** reflexões para o serviço social. [online]. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_ens%20-%20fam%EDias%20e%20quest%E3o%20social.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_ens%20-%20fam%EDias%20e%20quest%E3o%20social.pdf)> Acesso em: 28/02/2014.
- [4] MACIEL, David. **De Lula à Dilma Rousseff:** crise econômica, hegemonia neoliberal e regressão política. [online]. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7355\\_Maciel\\_David.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7355_Maciel_David.pdf)> Acesso em: 27/02/2014.